

## MURASAKI SHIKIBU – A PRIMEIRA ROMANCISTA DO MUNDO E O SEU INESTIMÁVEL LEGADO PARA A HUMANIDADE

### MURASAKI SHIKIBU – THE WORLD’S FIRST NOVELIST AND HER INESTIMABLE LEGACY TO HUMANITY

Maria Luiza Honório Zhou Lin<sup>1</sup>  
Joy Nascimento Afonso<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta brevemente a escritora japonesa Murasaki Shikibu (978? - 1015 ou 1026?), autora do primeiro romance conhecido, datado do século XI. Sua obra, *Narrativas de Genji* (*Genji Monogatari*), contempla grande parte dos costumes da sociedade Heian, na qual a mulher vivia à mercê da figura masculina. Sendo assim, a fim de contextualizar esse período, nos baseamos nos estudos de Takenaga (1987) e Suzuki (2003) e outros. Concomitantemente, fizemos o levantamento biográfico, ainda que infelizmente escasso, de Murasaki Shikibu, seguido do enredo de seu *Magnum Opus*. Concluimos esta pesquisa pontuando sobre a dificuldade para se encontrar estudos acadêmicos brasileiros acerca de Murasaki Shikibu e das *Narrativas de Genji*, o que aponta para a necessidade de alterarmos esse cenário da Literatura hegemonicamente ocidental e falocêntrica, parcialmente permeável ao que é oriental que, via de regra, é apreciado apenas (ou mais) por sua exotividade, quando tem tanto a nos ensinar e oferecer. Importa propagarmos o nome e o feito de Shikibu, que não em vão é reverenciada no Japão há mais de dez séculos. O fato de ela ser a autora do primeiro romance literário publicado no mundo nos dá a exata medida de sua extrema importância, de seu irrepetível legado.

**Palavras-chave:** Primeiro Romance do Mundo; Literatura Japonesa; Literatura Feminina; Murasaki Shikibu.

**Abstract:** This article briefly presents the Japanese writer Murasaki Shikibu, author of the world’s first literary novel, dating back to the 11th century. The book, *Genji Monogatari*, which she wrote, encompasses much of the customs of Heian society, in which women lived at the mercy of men. Therefore, in order to contextualize this period, which was contemporary to the aforementioned writer, the theories of Takenaga (1987) and Suzuki (2003) were used. At the same time, we conducted a biographical survey, although unfortunately scarce, of Murasaki Shikibu, followed by the plot of her *Magnum Opus*. We conclude this research by pointing out the difficulty in finding Brazilian academic studies about Murasaki Shikibu and *Genji Monogatari*, which points to the need to change this scenario of hegemonically Western and phallogocentric Literature, partially permeable to what is Eastern, which, as a rule, is appreciated only (or more) for its exoticism, when it has so much to teach and offer us. It is important to spread the name and achievements of Shikibu, who has been revered in Japan for over ten centuries, not in vain. The fact that she is the author of the first literary novel published in the world gives us an exact measure of her extreme importance, of her unrepeatable legacy.

**Keywords:** World’s First Novel; Japanese Literature; Women’s Literature; Murasaki Shikibu.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Compartilha Igual 4.0 Internacional

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos Linguísticos na Universidade Estadual de São Paulo (Ibilce/Unesp-São José do Rio Preto) e Licenciada em Letras Português-Japonês pela Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da Unesp-Assis. Professora de mandarim e japonês no Centro de Estudos de Línguas (CEL) do estado de São Paulo. *E-mail:* ml.honorio@unesp.br.

<sup>2</sup> Doutora em Estudos Literários pela Unesp-Assis e Mestre em Língua, Literatura e Cultura Japonesa pela Universidade de São Paulo (USP-SP). Professora no Departamento de Letras Modernas da FCL, na Unesp-Assis. *E-mail:* joy.afonso@unesp.br.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O anonimato no qual repousa o nome de Murasaki Shikibu na Literatura Universal envolve duas problemáticas graves, a nosso ver. A primeira delas é o apagamento sofrido por incontáveis mulheres escritoras (e não somente no tempo de Shikibu, mas até o presente dia) e a segunda é a centralização, a hegemonia da Literatura produzida em Língua Inglesa, definida como ocidental, sobre as Literaturas produzidas em idiomas que se afastam do eixo latino, como a Literatura Japonesa, a título de ilustração – sendo essas últimas vistas sob as lentes preconceituosas do “exotismo”, desaproveitando-se a sua inestimável riqueza cultural.

Esse apagamento do elemento feminino por razões misóginas foi cunhado pela pesquisadora Constância Lima Duarte (2022) como *memoricídio* – em outras palavras, o “assassinato da memória” de mulheres ilustres que tendem a ameaçar, com a sua grandeza, as fragilidades egóicas masculinas. Como não conseguem competir com elas, apagam-nas – muitas vezes, após haver-lhes impingido um cruel silenciamento. Esse é um problema antigo sem vistas a acabar em médio ou curto prazo, pois ainda necessitamos de maior articulação social e política para que a agenda de demanda das mulheres seja contemplada em suas lutas conjuntas em prol da aquisição de direitos civis coletivos.

O primeiro romance do mundo, do qual temos registro histórico, escrito por uma mulher, foi o da japonesa Murasaki Shikibu, por volta do século XI, que, em nossa perspectiva, deveria ser mais amplamente conhecido e melhor estudado no Brasil, mas isso não ocorre – infelizmente. Quem sabe quem foi Murasaki Shikibu? Quem pode imaginar o teor do primeiro romance do mundo, que foi idealizado pela mente brilhante e concebido pelas mãos delicadas de uma mulher consciente das questões femininas que assolavam suas iguais em sua época?

As *Narrativas de Genji*, o romance em questão, foi escrito por Shikibu no início do ano 1000 e retrata, de maneira única, as características da corte imperial japonesa do século XI, bem como as suas regras cerimoniais. Atrelada a isso, existe a narração das aventuras amorosas de Genji e a representação das diretrizes do amor cortês, em que o homem sempre assumia o papel ativo – fato ainda presente na maioria das sociedades hodiernas, sejam/estejam elas situadas no Oriente ou no Ocidente.

Para compreendermos melhor as questões sociais e políticas da obra de Murasaki, é importante ressaltar que a autora leu as produções anteriores ao seu contexto histórico, produzidas em Língua Chinesa, como os *Registros de fatos históricos (Kojiki)* – de aspecto ficcional, que explicam a origem da nação japonesa e seus mitos de criação – e as *Crônicas do Japão (Nihon Shoki)* – com documentações históricas sobre o Japão do período Nara (710-784)

– ambas foram influências determinantes para a nossa escritora. Vale ressaltar que o gênero “narrativa ficcional” (*Monogatari*) uniu os aspectos históricos e ficcionais daquele ambiente no qual ela se encontrava. Esta é, portanto, além de uma obra literária, uma obra de cunho historiográfico e uma ferramenta válida para legitimar a fala de uma testemunha de seu tempo, por ela retratado em seu *Magnum Opus*.

Além disso, é importante pontuarmos que o período Heian (794-1.185) foi um marco histórico e social importante para o Japão no que diz respeito à afirmação cultural própria do povo japonês, um momento que adaptou as influências chinesas e coreanas às peculiaridades nipônicas. Desse modo, o estudo da Literatura daquele período, particularmente as *Narrativas de Genji*, exige uma abordagem que considere os aspectos culturais e sociais dali de então, pois, como sabemos, a Literatura é o reflexo de um povo e de sua identidade e a ótica crítica de obras clássicas da Literatura pode contribuir muito para com o *status quo* do tema na atualidade.

Para que melhor entendamos a escrita de Shikibu a partir de sua ambientação cultural e histórica, este artigo está dividido em três grandes seções que se retroalimentam. Primeiramente, no Percurso Metodológico, traçamos o caminho que seguimos para pinçar, triar e trabalhar com o material acadêmico que coletamos e sobre o qual nos debruçamos para pesquisar a respeito de nosso objeto de estudo. Seguidamente, no Marco Teórico, apresentamos Murasaki Shikibu e seu único romance conhecido, mas revolucionário por seu pioneirismo. Por último, mergulhamos no universo do livro em pauta, descortinando seus meandros e bastidores.

## 1 PERCURSO METODOLÓGICO

Nosso estudo acerca da vida e da obra de Murasaki Shikibu foi iniciado com a leitura de sua obra. A princípio, adquirimos a edição de Suematsu Kencho (1855-1920) (*vide* Imagem 4), traduzida diretamente para o inglês, que contém os 17 primeiros capítulos do *Genji Monogatari*. Ressaltamos aqui que a primeira tradução da obra para um idioma estrangeiro, feita por Suematsu, que foi um diplomata japonês, teve como objetivo apresentar a grandiosidade da Literatura Japonesa aos seus colegas diplomatas em Londres.

Para completarmos o nosso estudo e a nossa percepção sobre a obra em tela, também foi essencial assistirmos à animação<sup>3</sup> dirigida por Gisaburō Sugii em 1987. O filme que recebe o mesmo nome do romance, *Genji Monogatari*, foi traduzido para o inglês como *The Tale of Genji*. Seus 110 minutos de duração narram, especialmente, a paixão do jovem Genji por sua madrasta. O áudio original do filme é em japonês e foi disponibilizado com legendas em inglês.

---

<sup>3</sup> A animação completa esteve disponível no YouTube até o ano de 2021, contudo, o vídeo foi removido do canal. A plataforma de filmes MUBI também já teve o filme citado em seu catálogo, porém, não mais.

Além disso, *pari passu*, demos início aos fichamentos de artigos científicos envolvendo Murasaki e o período Heian. Finalizada essa etapa, passamos à escrita do presente trabalho.

Pelo que supramencionamos, evidencia-se que essa é, fundamentalmente, uma pesquisa básica, de abordagem qualitativa e de objetivo exploratório.

Ato seguido, apresentamos o contexto no qual viveu a nossa fomenageada.

## 2 MARCO TEÓRICO

### 2.1 A cultura nipônica do Período Heian

A tradição milenar da sociedade japonesa requer uma divisão histórica composta por Eras, as quais segmentam-se em Períodos. Sendo assim, é coerente expor o trabalho da historiadora Beatriz Shizuko Takenaga (1987), ao lembrar as seis Eras do Japão: *Genshi*, a Primitiva; *Kodai*, a Clássica; *Chûsei*, a Média; *Kinsei*, a segunda fase do Feudalismo; *Kindai*, a Moderna e *Gendai*, a Contemporânea. Além disso, Takenaga (1987) também cita os períodos de cada uma das Eras. E considerando que a escritora Murasaki Shikibu viveu no período Heian, especificamente na segunda metade do século XI, far-se-á, neste artigo, um recorte cronológico do referido período.

A Era Clássica é composta por três períodos, a saber: o Yamato (séc. IV-645), o Nara (710-784) e o Heian (794-1185). Neste último, o sistema político adotado era o *Sekkan Seiji*, que consistia na ascensão do imperador ao trono antes de atingir a maioridade (Takenaga, 1987). Entretanto, os responsáveis pelas tomadas de decisões políticas eram os ministros da esquerda e da direita, que eram, normalmente, os avós do imperador, enquanto a figura deste era meramente simbólica.

Ao jovem imperador, que regularmente atingia a fase adulta aos 12 anos de idade, era permitido ter mais de uma esposa. Essas mulheres viviam em alas separadas, dentro do Palácio Imperial de Kyoto, e, via de regra, pertenciam a linhagens familiares e políticas poderosas. Naquele tempo, Taira, Fujiwara e Minamoto eram as famílias mais influentes na esfera de poder japonesa, sendo que os ministros da corte, de forma majoritária, possuíam algum desses nomes.

Segundo Suzuki (2003), enquanto os ministros do palácio tomavam as decisões políticas, o imperador preocupava-se em atender aos cerimoniais da corte, além de visitar suas esposas em suas respectivas alas. A esposa preferida era nomeada imperatriz, porém, não exercia poder político prático, mas ao ter filhos, que seriam os herdeiros do trono, decidiam com quem eles iam se casar e firmavam acordos com famílias poderosas. As demais eram

ordenadas de acordo com a preferência do imperador, e, comumente, chegava-se até a quarta esposa.

Essas mulheres, em estado de passividade, aguardavam as visitas do marido e raramente saíam de suas áreas. A vida, para elas, restringia-se ao refúgio da vida privada e dedicada a comprazer o esposo. A resignação com a qual abraçavam o seu destino as preparava para uma vida de renúncias pessoais em prol da satisfação desse homem. Para mais, com o fito de ocupar seu tempo livre com atividades edificantes, distraíam-se aprendendo e aperfeiçoando diversas manifestações da Arte – dentre elas, principalmente, a Literatura e a Música. Não era esperado que se dedicassem à manutenção doméstica com afazeres extenuantes de higienização do ambiente e preparação de alimentos. Na verdade, mesmo que o quisessem fazer, não o poderiam: as roupas que usavam impossibilitavam os movimentos ágeis, pois vestiam entre 12 e 13 camadas de *kimonos*.

Tae Suzuki (2003) também cita as damas *nyôbo*, mulheres responsáveis por cuidar e fazer companhia às esposas do imperador, como as amas da corte que conhecemos nos palácios da Era Moderna na Europa. Elas ajudavam as damas a se vestir, penteavam seus longos cabelos e dormiam com elas no mesmo quarto, exceto quando o marido fazia as tão aguardadas visitas íntimas a essas esposas. A escritora Murasaki Shikibu foi a *nyôbo* da segunda esposa do Imperador Ichijô (980- 1011), Shôshi (988-1074), alçada ao cargo de imperatriz.

Contudo, perguntamos o que se sabe sobre essa mulher que inaugurou a escrita de um gênero literário, as “narrativas ficcionais”, que se consolidou como preponderante apenas séculos depois, principalmente se observarmos que no cânone literário dito como “universal”, encontramos, hegemonicamente, obras escritas por homens – e, o mais das vezes, falantes de línguas anglo-saxônicas. Sobre ela e essa sua obra singular tratamos a seguir.

## 2.2 Murasaki Shikibu: Quem foi a autora do primeiro romance do mundo

Advinda da família Fujiwara – no entanto, de uma linhagem distante –, Murasaki Shikibu, embora reconhecida por sua produção literária na época na qual viveu, continuou sendo apenas uma assessora da consorte imperial. Por isso seus dados biográficos são escassos, em relação a sua vida antes e após seus serviços na corte de Heian. Aliás, o verdadeiro nome da escritora é, inclusive, desconhecido; tampouco há exatidão acerca do ano de seu nascimento e da data de sua morte. Existem duas razões, apontadas pelo etnólogo Terence Barrow<sup>4</sup> (1974), para a escolha do nome “Murasaki” – que significa “violeta” em japonês.

---

<sup>4</sup> O etnólogo Terence Barrow escreveu a introdução da obra utilizada neste estudo, traduzida por Suematsu Kencho.

A primeira delas está relacionada ao nome de sua família, “Fujiwara”, que quer dizer “um campo de flores de coloração violeta”. Outro motivo seria a atribuição desse nome a pessoas modestas e gentis. Já o nome “Shikibu”, ainda segundo Barrow (1974), corresponde a um pronome de tratamento, equivalente a “Mrs.”, “Miss” e “Captain”, em inglês. Entretanto, na Língua Japonesa, está relacionado à profissão, e “Shikibu” seriam os cerimonialistas. Todavia, esses sufixos não eram comuns para as mulheres, e, normalmente, no tempo de Murasaki, as damas recebiam “No-Kata” em seus nomes.

Provavelmente, Murasaki nasceu em 978 e faleceu entre os anos 1015 e 1026. Era filha de Tametoki, que apesar de ser parte do clã Fujiwara, era um supervisor de cobradores de impostos e, muito devido a isso, não possuía prestígio social (Barrow, 1974). Em casos como esse, era comum o pai educar as filhas para fazerem parte da corte, e, assim, aumentarem a influência política de sua família. Portanto, Murasaki foi educada em meio às artes e aos escritos chineses, casando-se aos 20 anos com seu primo Nobutaka, três anos mais velho do que ela.

Para que possamos imaginar como ela poderia ter parecido fisicamente, temos, na Imagem 1, uma das muitas ilustrações que se fazem de Shikibu. Como não temos uma descrição crível sobre ela em termos corporais, a concebemos tal como o desenho a representa: como uma mulher jovem, bela, de longos cabelos, bem vestida e bem cuidada, a dedicar-se à escrita – o que a distinguiu de suas congêneres e contemporâneas (*vide* Imagem 1).

**Imagem 1** – Murasaki Shikibu



Fonte: <https://www.britannica.com/biography/Shikibu-Murasaki>. Acesso em: 9 nov. 2024.

Consoante Barrow (1974), na introdução do livro objeto desta pesquisa, o marido de Murasaki era um grande dançarino e cerimonialista da corte, que faleceu um ano após o casamento. Na corte, Murasaki era *nyôbo* de Shôshi, a segunda esposa do imperador, como supramencionado. Porém, com a morte da Imperatriz Teishi (977-1001), Ichijô a substituiu por

Shôshi. Então, Murasaki passou a cuidar de uma imperatriz, o que lhe rendeu maior notoriedade. Em pouco tempo, toda a corte a conheceria pela habilidade de escrita que a caracterizava, estampada não somente na ilustração acima, mas na estatuária e na iconografia ligadas ao seu nome.

Barrow (1974) relata ainda que a morte da Imperatriz Teishi gerou um longo período de dor e melancolia para Ichijô e a situação passou a preocupar os ministros, pois havia interesses políticos e econômicos em torno da expansão da linhagem do imperador. Desanimado e enlutado, ele cessara as visitas às demais esposas, inclusive àquela que seria a próxima imperatriz, Shôshi. Foi em meio a esse cenário de incertezas e de expectativas que nasceu o primeiro romance do mundo, as *Narrativas de Genji*, pelas mãos suaves de Murasaki Shikibu, orientada pelo pai da consorte imperial, Michinaga, irmão mais velho de Ichijô.

A jovem *nyôbo* fora incumbida de, através da ficção, despertar a paixão em Ichijô e fazê-lo sair do luto no qual se encontrava pesadamente submerso. À luz de Barrow (1974), a tradição japonesa acredita que quando Murasaki recebeu essa tarefa, ela se retirou para um templo budista, nas proximidades de Uji, em uma noite, um 15 de agosto, e pediu ajuda às divindades para escrever o seu romance. A pequena cidade de Uji, nas cercanias de Kyoto, atualmente possui uma estátua de Shikibu ao lado da ponte sobre o Rio Uji (*vide* Imagem 2):

**Imagem 2** – Estátua de Murasaki Shikibu ao lado do Rio Uji, em Uji, província de Kyoto



**Fonte:** [https://www.tripadvisor.com.br/Attraction\\_Review-g946495-d14170502-Reviews-Murasaki\\_Shikibu\\_Statue-Uji\\_Kyoto\\_Prefecture\\_Kinki.html#/media/14170502/?albumid=-160&type=ALL\\_INCLUDING\\_RESTRICTED&category=-160](https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g946495-d14170502-Reviews-Murasaki_Shikibu_Statue-Uji_Kyoto_Prefecture_Kinki.html#/media/14170502/?albumid=-160&type=ALL_INCLUDING_RESTRICTED&category=-160). Acesso em: 10 nov. 2024.

Na cidade de Echizen, a única onde ela morou à parte de Kyoto, temos um belíssimo jardim dedicado a ela, no qual podemos vislumbrar uma estátua dourada esculpida em sua honra

(vide Imagem 3). Perto dali, em 23 de fevereiro de 2024, inaugurou-se um moderno museu que rende tributo à sua memória – o Museu Shikibu Kibun.

**Imagem 3** – Estátua de Shikibu no Parque de Murasaki Shikibu, em Echizen



**Fonte:** <https://www.nippon.com/es/news/100324/>. Acesso em: 10 nov. 2024.

Apesar de ser bastante ignota em países falantes de línguas anglo-saxônicas e novilatinas, ela é reconhecida em seu país de origem, onde vem sendo imortalizada desde então – e não somente em estátuas em jardins e parques e em telas expostas em museus e galerias de arte: Murasaki Shikibu faz parte da memória ancestral do seu povo, que naturalmente reverencia as suas origens e as valora.

Nesse sentido, buscando fomentar a difusão de seu nome e de seu grande feito, *verbi gratia*, a editora japonesa Kawade Shobo Shinsha, sediada em Shibuya, distrito de Tóquio, promove na cidade de Uji, desde 1991, o prêmio literário que recebe o nome de Murasaki Shikibu. Segundo a página oficial da editora, a premiação de 2024 será no dia 23 de novembro (ou seja, proximamente<sup>5</sup>) e está em sua 33ª edição.

Havendo exposto alguns de seus dados biográficos conhecidos e como surgiu o primeiro romance do mundo, escrito por uma mulher, na sequência, aprofundar-nos-emos nele.

---

<sup>5</sup> Finalizamos a escrita deste artigo hoje, dia 20 de novembro de 2024, a três dias desta premiação.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

#### 3.1 As Narrativas de *Genji* (*Genji Monogatari*) – O primeiro romance do mundo

Antes de adentrarmos nesta seção, faz-se necessário explicar, em conformidade com o que defende Bloom (2003), que o romance, tal como nós o conhecemos, não era um gênero literário comum nem considerado como de qualidade até o começo do século XVIII, na Europa. Se hoje ele o é, deve-o a Daniel Defoe, um escritor prolífico, dissidente da Igreja Anglicana, que publicou *Robinson Crusoe* em 1719, no Reino Unido, tendo 63 anos na época e mudando os rumos da Literatura com esse seu *Magum Opus*.

Até então, e ainda segundo Bloom (2003), o poema era o gênero literário que mais encontrava leitores e escritores até aquele momento. O romance era visto, por conseguinte, como ficcional demais para ser crível. Em uma época e lugar nos quais o protestantismo e todas as suas variações enxergavam a ficção como mentira e, conseqüentemente, como pecado, o romance não tinha cabida. Com *Robinson Crusoe*, inaugurou-se uma nova forma de se escrever romance e a sua recepção foi extremamente bem-sucedida – muito provavelmente porque parecia se tratar de uma história verdadeira, que falava diretamente com o público e o cativou.

Com a ascensão da burguesia, já nos idos de 1700s e 1800s, esse gênero ganhou impulso junto aos novos públicos leitores mundo afora, tornando-se cada vez mais popular e mais próximo dos novos alfabetizados que a Revolução Industrial necessitava para pôr em marcha a sua expansão. É relevante mencionar igualmente que as mulheres burguesas eram as maiores consumidoras dessa nova forma de se fazer Literatura. Mas isso aconteceu quase mil anos após Murasaki Shikibu conceber sua obra magna pioneira, pois que diferentemente da Europa, a escrita em prosa já era considerada no Japão uma das formas de apreciação artística. Portanto, seu feito, escrever um romance, o primeiro do mundo, fê-la ainda mais grandiosa por seu vanguardismo, especialmente por ser mulher em um ambiente falocêntrico, adiantando-se, como poucas, na História da Literatura.

“Monogatari” é a palavra japonesa equivalente a “narrativa ficcional”, que podemos compreender, por sua estrutura, como “romance”. Isto posto, em português, lê-se, normalmente, *O romance de Genji* (Yoshida, 2009). A intenção de Murasaki com a criação de *Genji* era fazer o imperador Ichijô se identificar com o protagonista na figura do jovem príncipe. Desse modo, existe a aura divina de beleza e de sensibilidade extraordinárias ao redor da personagem central.

De acordo com o escritor Michael Emmerich<sup>6</sup> (1974), originalmente, a obra não foi escrita em capítulos, porém, com o passar do tempo, foi dividida em 54 partes. Para a presente pesquisa, foi usada a primeira tradução do *Genji Monogatari* para um idioma ocidental, uma edição em inglês elaborada por Suematsu Kencho, como supradito (*vide* Imagem 4). Essa publicação foi feita em 1882 e contém somente os primeiros 17 capítulos, marcados pela primeira fase do príncipe Genji, onde conta-se sobre a sua juventude e o ápice de suas aventuras amorosas. A longa obra envolve mais de 500 personagens.

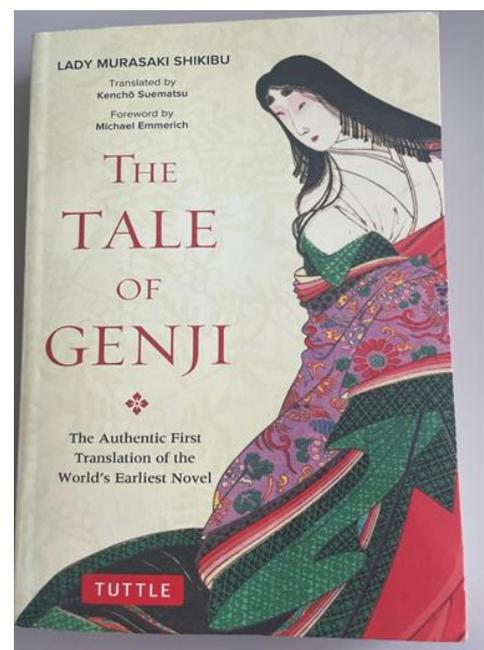
Fruto de uma união ilegítima entre o imperador e Kiritusbo, uma mulher de classe social inferior, mas com incomparável beleza, Genji, desde a infância, despertou toda a atenção da corte, principalmente a das mulheres, por sua sensibilidade para com as artes e por sua aparência perfeita. Precocemente, o príncipe ficaria órfão de mãe, fato que entristeceu profundamente o seu pai e tardou a nomeação de uma nova imperatriz.

Porém, o imperador acabou se apaixonando novamente por uma mulher semelhante à sua falecida esposa e ela foi a detentora do primeiro amor de Genji, que na época tinha apenas cinco anos de idade. Ao perceber a paixão do filho pela madrasta, o imperador providenciou para que o príncipe passasse a viver fora da corte, com os avós.

Já aos 12 anos, Genji regressa à corte de seu pai para a sua cerimônia de casamento. Esse é o cenário principal dos amores do jovem príncipe, sem embargo, não é o único: no decorrer da narrativa, torna-se evidente que Genji é apaixonadíssimo. Um exemplo desse enamoramento fácil característico seu é a viagem que empreende ao templo religioso onde procurava ser curado de um estado febril intenso, lugar este onde acabou se apaixonando por Murasaki no Ue, uma menina de seis ou sete anos, órfã de pai.

A partir desse fato também, é possível identificar a inclinação de Genji por garotas extremamente jovens, o que atualmente seria configurado como um caso de pedofilia, um crime, mas que o contexto da época justifica como normal. O envolvimento entre ele e Murasaki no Ue é comparado ao relacionamento entre pai e filha, assim como também entre esposo e

**Imagem 4** – *The Tale of Genji*



**Fonte:** Acervo da autora

<sup>6</sup> Michael Emmerich foi quem escreveu o prefácio da obra central utilizada neste artigo, ou seja, *The Tale of Genji*.

esposa, pois há um momento, no capítulo V, em que o príncipe a encontra com roupas de dormir e sente-se atraído por ela. Se formos atualizar esse comportamento, respeitando limites e desviando-nos dos anacronismos e afins, a juventude é desejável no universo japonês, chinês e coreano. Essa parte da Ásia cultua o que é plasticamente menos anoso. Não obstante, esse não é o tema de nosso escopo e tampouco nos desviaremos dele.

Acerca do romance, é oportuno mencionar aqui a disputa entre as amantes de Genji por suas atenções e inclinações amorosas. Dessa maneira, um acontecimento marcante envolve a personagem Rokujô, uma das amantes do príncipe, que provoca bastante inveja entre suas iguais e isso acaba atrapalhando o trabalho de parto de Aoi, a primeira esposa. Todavia, com a chegada de Murasaki no Ue à corte, após chegar à idade de se casar, ela passa a ser a esposa preferida de Genji e desperta a fúria das demais.

Enquanto essas mulheres disputavam o amor do príncipe, ele parecia deleitado com a situação e buscava sempre mantê-las todas por perto. Finalmente, nos últimos capítulos da edição em estudo desse romance, Genji assume uma posição de alta responsabilidade, auxiliando o novo imperador, após o falecimento do pai deste. Esse fato marca o início da maturidade do príncipe, que tenta não manter mais tantos relacionamentos amorosos simultâneos.

Trata-se, pelo que se percebe, de um romance literário de trama singela, voltada para o universo da autora, na corte, com todas as suas idiossincrasias e particularidades *sui generis*. Conquanto e a despeito dessa simplicidade no enredo, o *Genji Monogatari* é considerado uma obra de suma importância para a Literatura Japonesa e sua influência tem atravessado séculos e gerações de escritoras, escritores, poetisas e poetas nipônicos. A descrição psicológica das personagens o coloca em destacado patamar frente a outras obras igualmente célebres para o cânone literário e para o povo japonês.

Embora haja quem afirme que Muraski Shikibu possa não o ter escrito ou não o ter escrito completamente, a tradição liga inequivocamente o nome dessa escritora a esse romance ineditista e o vulgo já consagrou essa relação há mais de dez séculos. Ademais, Harold Bloom (2003, p. 72), pesquisador estadunidense e um dos maiores nomes referenciais na crítica literária hodiernamente, classifica Shikibu – ou a Dama Murasaki, como ele a chama neste livro –, como um dos 100 maiores gênios da Literatura Universal, ao afirmar que “[...] a *História dos Genji* está para cultura japonesa assim como *Dom Quixote* está para a cultura ocidental”.

A despeito da necessidade constante dos cânones literários, majoritariamente formados por homens privilegiados, de silenciar a voz e de apagar as biografias e legados de mulheres relevantes dos anais da historiografia literária, os atos insubordinados destas últimas,

impulsionados por suas maneiras próprias de perpetuar suas memórias, vêm atravessando gerações, séculos, fronteiras e permanecem presentes, conosco, nas mais diversas formas de Arte – como é o caso de Shikibu e do seu emblemático *Genji Monogatari*.

Com o avanço das pesquisas sobre mulheres ostracizadas pela misoginia em toda e qualquer esfera intramuros e extramuros dos ambientes limitados que se criaram para tolher a sua fala, a sua engenhosidade e a sua volição, mais estudos como este – que ora concluímos – tornam-se extremamente necessários e urgentes, principalmente porque são escassos em Língua Portuguesa.

Em nisso falando, desafortunadamente, o que conseguimos captar como material para embasar nossas considerações neste artigo foi extraído de pouquíssimos produtos acadêmicos que encontramos em inglês e em japonês. Somente. Os estudos sobre a obra e sua autora ainda são escassos no Brasil e têm se desenvolvido em espaço mais restrito, dentro da Academia. Este nosso trabalho, junto aos de nossos pares, visam romper essa hegemonia e trazê-las à luz.

Portanto, fica aqui a nossa admiração por esta nobre intelectual que premiou a Humanidade com a humanidade presente em sua inspiração e que ela cristalizou em forma de palavras naquele que seria o primeiro romance da História. Fica igualmente o convite para que sigamos pesquisando, escrevendo e publicando sobre essa cortesã que mudou o curso da Literatura quase um milênio antes de o gênero literário que ela inaugurou tornar-se popular.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se, a partir deste estudo, a necessidade premente de se trabalhar academicamente com autoras apagadas pelos cânones literários, como o foi, até pouco tempo, Murasaki Shikibu, cuja obra revela muito acerca do estilo ficcional e dos costumes da aristocracia japonesa do século XI, além de haver inaugurado, em nível mundial, a escrita de um romance pelas mãos de uma mulher: as dela.

Por meio da leitura das *Narrativas de Genji*, observa-se o papel de submissão feminina desde tempos remotos, no Japão, muito semelhantemente ao que ocorre na Europa e nos países do sul global, desde que o patriarcado passou a asfixiar e emudecer mulheres naturalmente empoderadas e que ameaçam arranhar – em maior ou menor grau – a carapaça egoica fragilizada do elemento masculino ao seu redor.

A partir dessas evidências, torna-se mister refletirmos sobre as práticas que dão voz às mulheres e reconhecê-las devidamente, reconhecendo também a magnitude irrepetível de escritoras ímpares como o foi Murasaki Shikibu. Que esse artigo e o estudo que nele fazemos ecoe e repercuta, juntando-se a outros, e sirva de incentivo para que novos trabalhos sobre essa

escritora primorosa ganhem forma e venham à luz, tornando-a mais conhecida pelo público investigativo e pelo público leitor.

## REFERÊNCIAS

BARROW, T. Introduction. 1974. *In*: MURASAKI, S. **The Tale of Genji**. North Claredon: Tuttle Publishing, 2018.

BLOOM, H. **Gênio**: os 100 autores mais criativos da história da literatura. Tradução de José Roberto O'Shea. Rio Janeiro: Objetiva, 2003.

DUARTE, C. L. **Memorial do memoricídio** – Escritoras brasileiras esquecidas pela história. Belo Horizonte: Editora Luas, 2022.

EMMERICH, M. Foreword. *In*: MURASAKI, S. **The Tale of Genji**. North Claredon: Tuttle Publishing, 2018.

**KAWADE SHOBŌ SHINSHA**. Disponível em:  
<https://www.kawade.co.jp/news/2024/11/1123202434.html>. Acesso em: 10 nov. 2024.

NAITO, S. Genji Monogatari and Its Reception. *In*: SHIRANE, H.; SUZUKI, T. (orgs.). **The Cambridge History of Japanese Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, p.129-139, 2016. Disponível em: <https://nomadit.co.uk/conference/eajs2023/panel/13539>. Acesso em: 18 nov. 2024.

SHIKIBU, M. Kencho Suematsu (Trad.). **The Tale of Genji**. North Claredon: Tuttle Publishing, 2018.

SUZUKI, T. Cultura e Sociedade Japonesa: Da Época Primitiva às Origens do Estado. **Estudos Japoneses**, n. 23, p. 75-90, 2003. Disponível em:  
<https://www.revistas.usp.br/ej/article/view/142915>. Acesso em: 8 nov. 2024.

TAKENAGA, B. S. A divisão histórica japonesa. **Estudos Japoneses**, v. 7, p. 5-20, 1987. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ej/article/view/142793/137723>. Acesso em: 24 ago. 2024.

YAMAMOTO, J. **A escrita solitária de Murasaki Shikibu** [*Murasaki Shikibu hitori katari*]. Tóquio: Kadokawa bunshō, 2020.

YOSHIDA, L. N. Literatura Monogatari da Época Heian – o nascimento da narrativa ficcional. **Estudos Japoneses**, n. 29, p. 99-118, 2009. Disponível em:  
<https://www.revistas.usp.br/ej/article/view/143017>. Acesso em: 8 nov. 2024.